

PARÂMETROS DE TEXTUALIDADE PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

PARÂMETROS DE TEXTUALIDADE PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Orlando Antunes Batista
Prof. Dr. FAI

RESUMO

Aborda o ensaio a questão da necessidade de se introduzir a metodêutica lingüística para o processo de alfabetização. Tem-se por objetivo demonstrar que o conceito de Texto reside numa instabilidade teórica possível de ser delimitada a partir da compreensão do Teorema da incompletude. Discute-se, ainda, o valor do protocolo de leitura enquanto subsídio para a determinação da qualidade do produto fornecido por uma formação discursiva. Coloca-se em questão o atual estágio em que se encontra a educação lingüística distribuída para os alfabetizadores.

Palavras-chave: Teoria da leitura. Produção de conhecimento. Alfabetização. Teoria do texto.

ABSTRACT

The essay presents the question about necessity of introducing the linguistic methodeutics into the process of alphabetization. It intends to show that the notion of text stays on a theoretical that can be limited from the viewpoint of comprehension on the incompleteness theorem. It also discusses the value of the reading protocol as a subsidy for establishing the quality of a product given by a discursive formation. It puts in question the present stage of linguistic education distributed to those who teach to read and writhe

Key-words: Knowledge production. Alphabetization. Theory of the text.

INTRODUÇÃO

Olhai para as aves do Céu, que não semeiam, nem segam, nem fazem provimentos nos celeiros: e, contudo, vosso Pai celestial as sustenta. Porventura não sois vós muito mais do que elas?

Evangelho de São Mateus, III, 6, 25

Quais seriam os elementos que tornaria o processo de alfabetização lingüística impregnado de contradições?

Diante das controvérsias sobre as sistematizações para a alfabetização devemos considerar a urgência em se introduzir uma alfabetização centrada na Lingüística. Para melhor orientação do leitor deste ensaio colocamos itens que impediriam o sucesso dos alfabetizadores:

- Medo, Depressão e stress são elementos que atuam sobre o fenômeno de percepção da realidade quântica pela Mente e sua reprodução dentro do fenômeno lingüístico.
- Necessitamos do conceito de Mecânica porque nascemos com sede de sentido (epistemofilia) e sem ela morreremos apenas verborrágicos.

- A desconfiança contra o Protocolo de leitura (Batista, 2005) gera uma guerra clandestina na Mente contra a prontidão linguística.
- A Mente não pode lutar por Dentro (via comportamento auto-reflexivo) e por Fora (usando uma pedagogia linguística idealista).
- Sem o exercício linguístico dentro da função metalingüística o comportamento auto-reflexivo não encontra espaço metodológico para se desenvolver.
- De que modo manter o controle mental se a Síntese (7ª. fase do protocolo onde se vivenciaria o quântico pela Consciência de vida) pode ser o melhor remédio, indicando estar na Catarse o sucesso através de uma experiência no nível se o confronto entre o Interior (natureza quântica) e o Exterior (pedagogia da petrificação do quântico) não se ajustam?
- O processo de alfabetização não pode ser um mero jogo de número na estatística educacional, visto que a Aprendizagem existe in natura na potencialidade pura da Mente.
- Criamos fantasias de Aprendizagem e a longevidade da plenitude mental jamais será alcançada sem a Vontade, a ser expressa no desejo de aprender (6ª. fase do nosso protocolo de leitura) .
- Tornamo-nos doentes porque não aprendemos a realizar a Síntese, enquanto Estrutura reveladora de um princípio da Mecânica na construção da Dialética. Logo, Resumo, Resenha e Paráfrase seriam placebos para os nossos desarranjos mentais.
- Uma Consciência fragmentada desencadeia uma guerrilha no sistema Mente - Corpo. Sem o processo hermenêutico-reflexivo a Mente viverá eternamente em dispersão existencial.
- Extirpar o Medo das ações que possam impedir o intelecto de se manifestar pela Síntese (sétima fase do protocolo de leitura) não se resume num princípio idealista e fácil de implodir a Emoção (1ª. fase do protocolo de leitura).

A complexidade no ato de alfabetizar tem origem quando notamos que a Mente possui duas caixas-pretas que agem simultaneamente: a da Leitura e a da Escrita.

Possuímos pertinentes evidências teóricas que demonstram ser o Texto o principal instrumento para se veicular o Conhecimento e por tal razão a Leitura tem predomínio sobre a Escrita. Só o intento de se questionar o papel do texto nos projeta sorratamente num campo minado de complexidades:

Plano semi-Ótico	Primeiridade	Secundidade	Terceiridade
Espaço do significado	Estrutura de superfície	Estrutura de superfície/estrutura profunda	Estrutura profunda/estrutura de superfície
Plano linguístico	Fenotexto	Fenotexto/genotexto	Genotexto
Textualidade	Texto natural	Texto natural/artificial	Texto artificial

O que dizer, então, da parafernália textual disseminada gratuitamente nas Cartilhas e Livros didáticos! A situação piora ainda mais quando notamos que a exacerbação de contradições vai sendo ampliada pela má qualidade dos livros infantis, infanto-juvenis e juvenis! Os educadores não adquiriram ainda a responsabilidade para se arquitetar a construção do imaginário textual visando se atingir o Possível dentro de um Problema bem-estruturado: quanto mais a Linguagem (Palavra) se aproximar da Matemática mais breve o êxito linguístico na operação discursiva ocorrerá.

Lembramos, à guisa de orientação do leitor, que a inserção do algoritmo não estava aventada no *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem* (Todorov e Ducrot, 1972) e, no entanto, surgia no ano de 1973, através de Jean Dubois e colaboradores no *Dicionário de Linguística*, editado em Paris. No entanto, para justificar a possibilidade de uma intervenção didática do educador para melhorar a performance nos textos, aludimos ao fato de que tanto no *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem* quanto no *Dicionário de Linguística* não existia o

verbetes ‘adaptação’. Ainda, para maior esclarecimento metodológico, citamos o *Dicionário de narratologia* (Reis e Lopes, 1987) onde inexistente o verbete sobre a Adaptação.

Metodêutica	Parágrafos	Sinais de pontuação	Artifícios para a textualidade	Sintaxe no texto
Texto	Número harmônico	Todos	Epígrafe, Intertexto, Paródia	Gramaticalidade

Assinalamos neste ensaio o ponto nevrálgico da crise lingüística em que se encontram os alfabetizadores. Ele está debatido na obra *Modelagens lingüísticas e adaptações textuais* (Batista e Martins, 1996) e *Formação do leitor e construção do imaginário textual* (Batista, 1998).

Portanto, diante do arrolamento das informações, consideraremos imprescindível a invasão destes elementos teóricos para que as metodologias de alfabetização sejam revistas pelo sistema universitário interessado na formação de profissionais nas áreas de Letras e Pedagogia e numa possível reordenação metodêutica dos educadores que se encontram em ação no mercado educacional em todos os níveis de ensino.

ADAPTAÇÃO NO GÊNERO LÍRICO

*Houve uma chuva de pedras.
No meio do caminho tinha uma pedra.
Seria possível tirar leite de pedra?
Próverbio*

Inicialmente pretendemos demonstrar que o abandono das Regras leva sempre a Mente a exacerbar o espaço da Liberdade.

No caso da experiência lingüística, vivenciada nos atos de Leitura e Escritura, notamos divergências metodológicas quanto ao uso de textos para a alfabetização. A questão da Poética torna-se nuclear e, embora haja uma incompreensão do conceito Poética do precário, será nele que tentaremos analisar o fracasso do sistema escolar quando age dentro de ações linguisticamente articuladas.

O uso da Poética do precário tem sua validação quando o introduzimos dentro do Teorema da incompletude: qualquer produção de Conhecimento surge dentro do instável e se ela não estiver subsidiada pela Teoria do texto estará a ação verbal destinada a se constituir em ‘devaneio’ (uso ilusório da prontidão lingüística) e jamais na Ficção de um conteúdo capaz de resistir à análise lingüística.

Vejam, de início, de que modo o textual de uma obra influi sobre a Mente do alfabetizando. Projetemos, para ilustração, o objetivo de um texto para a primeira série do Ensino Fundamental (Ciclo I):

O CARACOL

Marciano Vasques Pereira
(1997)

O caracol é muito lento
Anda muito devagar
Eu não tenho tanto tempo
Pra esperar ele passar

Como um sujeito
 Pode ser tão vagaroso
 Que lentidão impressionante!
 -Só podia ser um caracol

Vou voltar para casa
 Que eu não tiro do lugar
 E amanhã eu volto
 Pra ver ele passar.

(In - *Novo caderno do futuro*, 2007, 2ª. edição)

Expomos, agora, o texto adaptado, em busca de melhor textualização (tecido da idéia) para o processo de alfabetização. O difícil, na realidade, seria atingir a textual e não configurar apenas a gramaticalidade:

O CARACOL

Orlando Antunes Batista

Devagar se vai ao longe.

Anda o caracol muito lento:
 Por que marcha ele devagar?
 Reina até contra ele o vento?
 Queria, ora, então, vê-lo chegar.

Eu não penso vagarosamente.
 Alguém vai esperá-lo passar?
 Quem faz mais impressionante
 Se um lar tem nas costas a levar!

Já sonharam a belicosa corrida
 De nosso lerdíssimo caracol
 Com a tão vagarosa tartaruga?

Trará o vencedor minhas rugas
 E irá a paciência perdendo o sol?
 O que dizer, então, de uma briga?
 (2009)

Parece-nos que a única saída ‘metodológica’ estaria na qualidade da formação alfabetizador e da consciência lingüística nele instaladas por uma formação profissional hábil e ideologicamente estruturada. O ‘grão de areia’, referenciado na epígrafe do ensaio, estaria projetado no valor do Fonema e de sua projeção nos eixos de seleção e combinação para tornar o discurso cada vez mais verbivocovisual. Daí, então, a diferença entre o original e o adaptado. Tomemos um outro exemplo para reforçar o valor das questões ora discutidas:

A LEBRE E A TARTARUGA

Ferreira Gullar

A Tartaruga certo dia
 Desafiou a lebre

Para uma porfia.

-Chego antes de você-

Disse à Lebre,

Que reagiu sorridente.

-Antes de mim? Estás demente!

-Então é pagar para ver-

Insistiu a Tartaruga.

-Aposto que vou vencer!

Acertou-se enfim a aposta.

A corrida começou.

A tartaruga partiu, disposta,

A Lebre riu, nem ligou.

Antes foi comer um nabo,
puxar um ronco e coisa e tal...

E quando ao fim e ao cabo,
Deu por si, a Tartaruga
Chegava ao ponto final.

Disparou feito uma flecha
Mas não deu, chegou depois.

Assim foi que a tartaruga
Venceu a lebre feroz.

Correr muito não é suficiente:
Mais vale ser atento e persistente.

O texto acima, de Ferreira Gullar, refere-se a uma adaptação da fábula de La Fontaine. Observando o conceito de Texto e sua significação para o processo de aquisição da língua materna, julgamos necessária uma melhor disposição discursiva do texto:

A lebre e a tartaruga

Orlando Antunes Batista

Quem planta vento colhe tempestade

Então a tartaruga, um certo dia,
(Estaria minha amiga com febre?)
Desafiou a lebre para uma porfia.
Logo pensou calmamente a lebre:

-Chego logo, antes de você,

Disse a tartaruga para a lebre.

A lebre logo reagiu sorridente:

-Antes de mim? Estás demente?

-Então, é só querer pagar pra ver,
 Insistiu a tartaruga, disposta.
 -Disse: Aposto que vou vencer!
 E acertou-se enfim a bela aposta.

O jogo começou. Que diabo?
 A tartaruga partiu disposta.
 E a lebre? Nem riu ou ligou.
 Quis comer um naco de nabo.

E quando ao fim e ao cabo
 Deu por si a lebre, a tartaruga
 Largou qual uma flecha:
 Estava, ai, logo no ponto final.

Mas não deu, chegou depois.
 Assim foi que a tartaruga
 Venceu a lebre feroz.
 Ganhou a lebre lição atroz:

No momento de uma porfia
 Nem sempre o mais leve vence.
 Ele nunca pensa ou desconfia:
 -O poder nem sempre vence!

Observemos o conceito de Produtividade, emanado da textualidade contida no poema Canção do exílio, de Gonçalves Dias. O texto está inserido no livro Poesias Americanas e conta com esta epígrafe:

*Lês infortunes d'un obscur habitant des
 bois aurainet-elles moins de droits à nos
 pleurs que celles des autres hommes?*
 Chateaubriand

A inserção da epígrafe aparece para valorizar o trabalho do autor, projetando o conceito de palavra-do-outro no seu discurso. Por sua vez, o poema contém uma outra repetição do valor da palavra-do-outro, para instalar um sobrepeso na operação criadora de Gonçalves Dias:

Canção do exílio
 Gonçalves Dias

*Kennst du das Land, wo die Citronem blühen,
 Im dunkelm die Gold-Oragem glühen,
 Kennst du es wolh? –Dahin, dahin!
 Möcht ich...zein.*
 Goethe

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá:
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mas prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Coimbra, Julho de 1843

Nota-se a predominância da Poética clássica pelo uso de métrica e de rima. Diante desta realidade, somos obrigados a notar que a palavra-alheia-própria aparece purificada pela inserção de duas epígrafes que serviriam de aditivo para a melhoria do discurso lírico do autor.

Via de regra encontramos os educadores aprisionados dentro da estrutura do texto, considerando-o uma obra intocável. No entanto, pela teoria do texto, se torna possível discutir essa posição visto que o teorema da incompletude coloca em suspenso qualquer definição que um texto possa ter. Os pedagogos, principalmente, estão dentro deste tipo de comportamento. Por isto, certos textos poderiam tornar a liberdade do leitor ainda maior quando aprendessem a fazer uma prévia análise dos textos e colocando alguns dentro de uma perspectiva de crítica estrutural: quais seriam os elementos que poderiam tornar o texto menos metafórico no processo de aquisição de linguagem? Diante desta realidade apresentamos o poema As borboletas, de Vinicius de Moraes enquanto exemplo de didática textual:

Branças
Azuis
Amarelas
E pretas
Brincam na luz
As belas borboletas.

Borboletas brancas
São alegres e francas.

Borboletas azuis
Gostam de muita luz.

As amarelinhas são bonitinhas
Saio tão bonitinhas!

E as pretas, então...
Oh, que escuridão!

Pela associação da palavra-alheia-própria (estágio em que se encontrava Gonçalves Dias antes da composição deste texto) com a palavra-do-outro (citações de Goëthe e Chateaubriand) teríamos por resultado a palavra-minha do autor, mostrando o seu domínio sobre a Palavra (Linguagem). Sobre esta conjectura vamos ao encontro da teoria do texto enquadrada no teorema da incompletude expondo esta adaptação ou suplemento de informação:

AS BORBOLETAS

Orlando Antunes Batista
(Adaptador)

Branças e verdes,
Branças e azuis,
Amarelas, brancas e azuis,
Azuis, vermelhas, brancas, pretas e amarelas,
Cinzas, pretas, marrons, roxas e verdes,
Amarelas, azuis, brancas, cinzas, roxas, verdes, pretas,
Marrons, vermelhas, azuis, verdes, brancas, verdes, pretas, cinza e rosa

São alegres e francas as borboletas
Gostam elas de muita luz!
São todas bonitinhas!
Como esvoaçam diante da lâmpada!

Lá fora é noite?
E as borboletas cinzas, pretas e marrons, então!
Oh! que escuridão! Onde a amplidão?
Porque jazem elas no gavetão?
Espetadas com agulhas
Fazem elas acumpuntura?

Diante dos exemplos dados teríamos, forçosamente, de admitir que o alfabetizador não poderia ser um simples ‘doador’ da Palavra e sim um ‘exercitador’ para demonstrar que o Verbo não se apresenta tão difícil de ser manipulado e que a obediência às Regras seria imprescindível:

AS BORBOLETAS

Orlando Antunes Batista
(Adaptador)

Abro uma gaveta. Que assombro!

Entre as sombras vejo borboletas:
 Estão de asas abertas! Espetadas fazem elas acumpuntura?
 Daquele jeito não verão elas as estrelas!

Estão em estado zen?
 Que dores sentem?
 O que elas não têm?

Branças e verdes,
 Brancas e azuis,
 Amarelas, brancas e azuis,
 Azuis, vermelhas, brancas, pretas e amarelas,
 Cinzas, pretas, marrons, roxas e verdes,
 Amarelas, azuis, brancas, cinzas, roxas, verdes, pretas,
 Marrons, vermelhas, azuis, verdes, brancas, verdes, pretas, cinza e rosa

São alegres e francas as borboletas.
 E só preferem muita luz!
 São todas bonitinhas!
 Como esvoaçam diante da lâmpada!
 Lá fora é noite
 E as borboletas cinzas, pretas e marrons, então!
 Oh!, que escuridão! Onde a amplidão?

Voltarão elas para o gavetão?
 Ou seria melhor dormir no chão?

Notamos que o conceito de finitude textual tem sua explicação pela possibilidade de ação da palavra-alheia-própria do educador sobre a palavra-minha de Vinicius de Moraes. O resultado da intervenção serviria para acrescentar um suplemento de informação no discurso, tornando-o mais acessível para a mente do leitor-mirim. A nossa ação sobre o texto mostraria que procuraríamos apenas aprimorar a lógica concreta complexa existente no poema considerado pelos alfabetizadores enquanto de uso pedagógico para a alfabetização. Pelo produto obtido poderíamos julgar que o Teorema da incompletude tem uma aplicação sólida no conceito de texto e serviria para o conserto de erros pedagógicos cometidos no processo de alfabetização.

GÊNERO NARRATIVO

Em casa de ferreiro o espeto não poderá ser de pau.
 Provérbio

O drama da alfabetização continua quando passamos do gênero lírico para o gênero narrativo. Serve de outro exemplo um texto elaborado por dois alfabetizadores e inserido numa Cartilha denominada de Caderno do Futuro:

Cartilha

Hugo e Helena tocam harpa no Hotel Havaí.

Hugo tem muita habilidade para tocar harpa.

Um homem pediu para Hugo e Helena tocarem um hino na hora do jantar.

Foi um sucesso!

Hugo e Helena agradeceram com muita humildade.

Notamos que o alfabetizador normalmente considera o manual de alfabetização uma ‘bíblia’ e enquanto tal deve receber todo o incenso do idealismo. Todavia, a teoria do discurso mostra que as coisas não podem ser administradas desta forma e o educador se torna seduzido pela pseud qualidade do Texto. No entanto, para questionar a habilidade da análise lingüística do licenciando em alfabetização oferecemos a ele a oportunidade de estabelecer uma correção lingüística e destacamos uma formação discursiva mais bem elaborada:

ADAPTAÇÃO DO ALFABETIZADOR

11.11.2009

Hugo e Helena são músicos.

Eles tocam harpa em um hotel chamado Havai.

A dupla está acostumada a se apresentar para os hóspedes com muita habilidade.

Seu Jorge pediu para amboz representarem o Hino Nacional do Brasil.

O jantar foi um sucesso, eles ganharam um lindo ramallete de hortências do hoteleiro Carlinhos.

Depois agradeceram com bastante humildade.

Comparando-se no original e a adaptação percebe-se a ocorrência de confusão entre resumo, resenha e paráfrase na adaptação. Faltou para o pedagogo, em vias de habilitação uma consciência lingüística, aniquilada no processo adaptatório em razão da energia advinda da prontidão lingüística.

Percebe-se que o futuro educador ainda considera imutável a formação adquirida no processo de letramento. O pior desta situação está no fato da permanência de um mesmo comportamento nos manuais de alfabetização. Continuam eles distribuindo textos de má qualidade. Assim, vai se tornar rotineira a ação de interferência lingüística do alfabetizador diante da qualidade da massa verbal do texto usado em manuais de alfabetização:

ADAPTAÇÃO LINGÜÍSTICA

I

Hugo e Helena são amigos desde a infância.

Moram os músicos no mesmo quarteirão.

Os pais dos jovens morreram num acidente de carro.

Eles cresceram e estudaram juntos desde a infância e

Helena toca harpa e Helena violão num Hotel chamado Havai.

Hugo está mais habituado a tocar para os hóspedes do hotel.

Adquiriu Helena sua prática para tocar harpa.

Helena já experimentou tocar violão. Entretanto, achou melhor continuar aprimorando sua performance na harpa. Hugo fez o mesmo; entretanto, ficou com o violão. Se realizou melhor e a dupla adquiriu qualidade no estilo musical.

Um hóspede, de nome Jorge, pediu para ambos executarem o Hino Nacional Brasileiro. Ao final da apresentação os

clientes aplaudiram de pé. Muitos pediram bis!

O jantar foi um sucesso! Havia penumbra no palco e a paisagem se tornou mais poética! Ao final da apresentação eles ganharam um ramalhete de hortências de Carlinhos, proprietário do hotel. Quando tocavam sempre acontecia a mesma cerimônia.

Hugo e Helena agradeceram com bastante humildade: o gesto foi o mesmo indicado no protocolo para os artistas.

O cachê de cada apresentação está sendo guardado para o custeio dos estudos de Hugo e Helena.

Orlando Antunes Batista
25.11.2009

Diante da proposta de adaptação textual somos obrigados a explicar as razões deste texto se apresentar sob a qualidade do mais correto.

De um lado, procura se alcançar o melhor horizonte lingüístico para o discurso através da massa verbal, oriunda da energia proporcionada pela função metalingüística, agindo nos eixos de seleção e combinação. Quando o alfabetizador aprende a agir dentro deste parâmetro adentra, sem dúvida, a vivência da Palavra (Mikhail Bakhtin) para torná-la, através do transcorrer da correção lingüística na fase do discurso compósito, uma prova de que a palavra-minha tem oportunidade de ser cristalizada por um autor portador de domínio lingüístico inserido na fase de apropriação da Linguagem (letramento, alfabetização e desenvolvimento de linguagem).

A função emotiva tem sua vivência natural em todos os seres humanos. No entanto, a passagem do discurso interior para o de discurso compósito vem confundida pela má alfabetização complicada quando se oferece margens para que a prontidão lingüística (expressão mecânica e fragmentada das idéias) seja comparada ao desempenho esperado na palavra-minha. O sistema escolar, partindo dos exemplos oferecidos neste ensaio, continua persistindo na confusão entre palavra-alheia-própria e palavra-minha.

Bem sabemos do pernicioso exemplo oferecido pelos modelos lingüísticos de cartilhas e livros didáticos e por tal razão somos obrigados a descascar paralelamente o abacaxi e a cebola: mostrar o Errado e propor o Certo Mas seria possível expor a Certeza no campo da expressão verbal virtualizada na formação discursiva de um texto?

Nosso propósito, atualmente, tem por objetivo mostrar que há uma finitude discursiva no texto e que ela necessitaria de ser experimentada somente quando a Teoria do Texto fosse associada ao Teorema da incompletude. Ou seja, a lógica concreta-complexa precisa ser imanente às relações entre Sintaxe, Semântica e Pragmática no processo de desenvolvimento de linguagem.

Quando a Psicologia cognitiva vem exigindo a inserção da mente, num processo cada vez mais acelerado e dinâmico na fase do pensamento formal, deveriam os alfabetizadores estarem mais conscientes do fato de que o pensamento por coleções (pensamento fragmentário) não tem nenhuma utilidade na vivência mental do Conhecimento. Aqui temos de considerar as nossas críticas fundamentadas na teoria da sustentabilidade, onde o mínimo que se produza não seja acessório para utilização na existência humana e esteja impregnado de Rigor e Produtividade.

Necessitamos, dentro deste ângulo de análise, demonstrar que a Palavra-minha, a ser revelada somente no plano da Terceiridade da linguagem semiótica, só iria expor a função poética corretamente se o conceito de Texto não se confundisse com o de Texto puro. O sistema educacional brasileiro, desde a alfabetização no ensino fundamental e

médio, tem insistido em fortalecer a palavra-alheia-própria (pensamento fragmentário) enquanto palavra-minha. O erro do sistema educacional está em fortalecer a palavra-do-outro (doada pelo alfabetizador) não tem consistência de palavra-minha e diante desta realidade não teríamos outro final senão a catástrofe de alfabetização enquanto produto de desencontros teóricos e metodológicos no planejamento didático.

DUAS ANDORINHAS NUM VERÃO

A união faz a força

Hugo e Helena são amigos desde a infância.
Moram os músicos no mesmo quarteirão.

Os pais dos jovens morreram num acidente de carro.
Cresceram e estudaram juntos desde a infância e

Ela toca harpa e ele violão num Hotel chamado Havaí.
Hugo está mais habituado a tocar para os hóspedes do hotel.
Tem Helena sua prática para tocar harpa.

Helena já experimentou tocar violão. Entretanto, achou melhor continuar aprimorando sua performance na harpa. Hugo fez o mesmo; entretanto, ficou com o violão. Se realizou melhor e a dupla adquiriu qualidade no estilo musical.

Um hóspede, de nome Jorge, pediu para ambos executarem o Hino Nacional Brasileiro.

O jantar foi um sucesso! Havia penumbra no palco e a paisagem se tornou mais poética! Ao final da apresentação eles ganharam um ramallete de hortências de Carlinhos, proprietário do hotel. Quando tocavam sempre acontecia a mesma cerimônia.

Hugo e Helena agradeceram com bastante humildade: o gesto foi o mesmo indicado no protocolo para os artistas.

O cachê de cada apresentação está sendo guardado para o custeio dos estudos de Hugo e Helena.

Orlando Antunes Batista

25.11.2009

Dentro do plano da teoria da incompletude existiria um plano para se compor uma ‘fórmula’ para a construção do Texto numa formação discursiva?

Exibimos abaixo uma fórmula, consolidada após inúmeros anos de reflexão sobre a Teoria da linguagem:

Parágrafo	Orações curtas	Orações Médias	Orações longas	Total de orações
1	-	2	2	4
2	-	1	2	3
3	-	1	1	2
4	2	-	1	3
5	1	-	1	2
6	-	1	2	3
7	4	1	2	7
Texto= total de 7 parágrafos	7	Total =6	Total= 11	Formação discursiva: 24 orações

Diante desta fórmula podemos implodir a falsa concepção de que tudo que se escreve é Texto! Temos, inicialmente, de saber as possibilidades implícitas (estrutura profunda) e as explícitas (estrutura de superfície) dentro do Produto e qual o grau de ‘lógica’ dentro do Teorema da incompletude. A questão do pensamento formal ainda não se apresenta estudada com clareza dentro das Psicologias (Educação, Aprendizagem e Desenvolvimento) porque foram abandonadas dentro do vácuo epistemológico projetado no pensamento formal. O pensamento formal, dentro dos pressupostos pouco explorados em Vigotsky, oscilaria entre o pensamento por coleções, pensamento complexo e pensamento difuso. Neste pensamento difuso é que se localizaria, então, o Teorema da incompletude já fundamentados pela Matemática e Física. Pela inserção do pensamento serial no pensamento difuso a Mente aprenderia a viver no Caos e procurar nele um determinado Rigor, desde que submetido à fidelidade exigida pela lógica concreta-complexa.

Diante do que se discute neste ensaio afirmamos que o processo de alfabetização teria de ser revisto desde a Pré-escola para se evitar um reforço cada vez mais intenso sobre o desempenho mental no desenvolvimento do discurso interior, normalmente disperso na função metalingüística pela força e ineficácia da palavra-alheia-própria. O processo de auto-indivuação, enquanto projeto ideológico num sistema escolar, vai falhando progressivamente em seus ideais porque os educadores insistem em se marginalizarem do interdisciplinar solidificado pelo teorema da incompletude.

CONCLUSÕES

Suporta com paciência a cólica do próximo.

Machado de Assis

Partindo da constatação do Erro e da possibilidade de se propor uma revisão centrada numa ação epistêmica cruel, mas necessária para a melhoria do nosso sistema educacional, estaríamos apresentando agora a contra-prova da fórmula evidenciada no item anteriormente deste ensaio.

Acreditamos que sem a Psicometria lingüística não teríamos condições de expor um ‘método’ para o desenvolvimento de linguagens na alfabetização do Eu. Considerando o valor do Teorema da incompletude seria ilícito denominar de método o que deve ser rotulado de ‘metodêutica’.

Linguagem	Palavra	Palavra-alheia	Palavra-do-outro	Palavra-alheia-própria	Palavra-minha	Nota Final
Textualidade	Proporção	Harmo-nia	Consci-ência textual	Função Emotiva		
Produtividade textual	Compe-tencia lingüística	Usar prover-bios	Função referencial		Função fática	
Número de parágrafos do texto	Consci-ência discurs-iva	Função conativa			Função metalingüística	Função poé-tica
Tipo de texto	Forma	natural	Natural	fantástico	Fantástico-artificial	Texto Arti-ficial
Tipo de leitura	Percepção	natural	Fantástica	Fantástica-artificial	Artificial	Texto Arti-ficial
Plano semiótico	Qualidade	Primei-ridade	Primei-ridade	Secun-didade	Terceiridade	
Estética		Epigrafe	Discurso citado, traduzido, comentado		5,0-10	
Conduta Lingüística	Domínio do alfabeto	Prover-bios	Intertextos	Resumo, Resenha, paráfrase	Paródia, Epigrafe, título do texto	
Gramati-calidade	Estilo	1,0	1,0-3,0	0,0-5,00	0,0-5,0	0,0-10,0

Diante do exposto tornamos claro que a flexibilidade no processo de avaliação no desempenho lingüística na produção de texto tem de ser relativa e jamais fugir ao horizonte classificado conceitualmente de máximo de consciência possível, integrante do Teorema da incompletude. Quanto maior a ‘lógica’, evidentemente melhor haverá de ser o grau da textualidade e gramaticalidade do Texto.

Procuramos justificar o erro do sistema de alfabetização que se preocupa visceralmente com a Gramática e não se preocupa com outros problemas que estão inseridos no conceito de desenvolvimento de linguagem.

A energia existente no Verbo nunca será dominada pela prontidão lingüística. Sem um determinado tipo de protocolo, semelhantes ao que propormos, de modo inusitado, agora, a tendência do sistema escolar será a de fomentar, sem o saber, a ideologia da Violência. Na realidade, o norte do sistema de alfabetização seria o de colaborar na constituição de um projeto de vida através da alfabetização. Sem o Ler e o Escrever ordenado de modo correto a tendência do método de alfabetização, incentivando o fragmentário, será o de colocar mais lenha na fogueira do Caos oriundo do choque entre discurso interior e prontidão lingüística. Diríamos até que a Mente nasceu para o Holístico e o pensamento por coleções incentiva apenas a permanência dela no Caos e não consegue um Ponto para iniciar a tessitura do Real.

Não podemos conviver com a Ilusão. Sem um protocolo para uma ação lingüística a Alma continuará a viver dentro de uma pseudo-alfabetização. Anexamos nesta parte do estudo um demonstrativo do que a ilusão no domínio da Palavra (Linguagem) pode deixar transparecer numa análise lingüística.

Encontramos um texto que exemplifica o conceito de crise da palavra-minha, ainda mais prisioneira da palavra-alheia-própria do que mergulhada no conceito de finitude lingüística no discurso:

Não ia dizer nada sobre a estudante que foi expulsa da Uniban. A Geisy já está ‘muito falada.’ Falam mal desde que ela resolveu ir à faculdade com aquele vestidinho rosa-choque e saiu ‘abraçada’ com o pelotão de choque, sob o risco de ser linchada porque mostrou as pernas.

Eu não ia dizer nada. Mas diante da decisão da Unibam de expulsar a Geisy – ainda que a instituição tenha voltado atrás – não deu para ficar quietinha. O que fizeram com esta moça fere um princípio elementar: o de cada um fazer o que gosta, vestir o que gosta, viver como gosta.

Acho que ela jamais imaginou naquele dia, em frente ao espelho, enquanto se vestia para ir à faculdade e depois curtir a balada, o que ‘causaria’ nos invejosos de plantão porque ousou ser livre e usar um vestido do tamanho que considerou apropriado aos seus desejos. Porque as pessoas se vestem para se embelezar, para atrair, para serem desejadas, por que não? Roupas é também um emblema, um estado de espírito, que a gente veste ou despe para comunicar alguma coisa.

Nudez, no país do carnaval, deixou de ser mistério há muito tempo – o que até lamento - mas também não pode ser vista como pecado. Afinal, as crias fogosas do Brasil ‘ liberal’ estão todas por aí: a Mulher Samambaia, a Mulher Melancia, a Sabrina Sato que os invejosos de plantão comem com os olhos. Mas como são mulheres da televisão, mulheres da Marquês de Sapucaí, as celebridades estão fora do alcance, não têm a vulnerabilidade das Geisys que viram alvo de insultos porque são anônimas.

Assim, mulher comum que se veste de forma ‘inadequada’, merece ser xingada, numa execração coletiva que resume a violência de um apedrejamento verbal. Estavam lá rapazes e garotas de classe média, cansados de ver seios e coxas, unidos para um ato medíocre de desrespeito à individualidade da Geisy. O que me dá náusea é pensar

que a horda é universitária, formada por pessoas que têm um mínimo de informação sobre direitos e liberdade. Mas resolvem fazer o papel medíocre de censores de guardiões de bons costumes que eles mesmos burlam na primeira oportunidade de ‘pegar’ uma fêmea para consumo.

Ou alguém acredita que aqueles rapazes e moças que ofenderam Geisy jamais encararam uma farra, um ato ‘ilícito’, um comportamento que não se exhibe na sala de TV na frente papai e mamãe?

O que os atingiu foi a sensualidade da moça sem máscaras sociais, sem inibição de mostrar as pernas como uma bandeira ao prazer. Mas a sexualidade feminina, na cabeça da horda, deve permanecer oculta para que não provoque sua libido e sua incapacidade de expressão sexual. Trata-se então de uma horda de reprimidos que na primeira oportunidade quer esmagar a libido alheia, porque não assume o próprio tesão. E tesão reprimido vira uma bomba de energia nefasta e mal distribuída, uma carga explosiva de desejos insatisfeitos que nos mostram a face nauseante da Idade Mídia em que a moral é um falso escudo de intenções mal resolvidas.

O que a horda fez foi uma catarse fortalecida na falsidade dos bons costumes. Na primeira oportunidade aqueles rapazes e moças vão atrás do trio elétrico esfregar as vontades ocultas pelos abadá. Porque no carnaval pode, mas na faculdade, pelo menos a olhos vistos, o corpo é tabu e quem rompe a barreira merece ser linchado. Deus nos livre do tesão reprimido desta gatinha. E se querem saber, não vi nada demais no vestido da Geisy. Sem decote, com mangas largas, era apenas um vestido que, afinal, mostrou o quanto é curta a mentalidade de uma parcela da nossa pobre juventude universitária.

As repetições, assinaladas em *itálico*, servem de marcadores de textualidade no discurso: quanto mais eles ocorrem menor a carga de artificialidade no discurso e a ‘gramaticalidade’ acaba atingindo a performance da ‘textualidade’. Acreditamos que na Idade Mídia o texto tenha de se apresentar econômico, fruto de um rigor e oferecendo um grau de sustentabilidade poética indiferente ao gênero.

Fases	1	2	3	4	5	6	7
Proto- colo	Emoção	Senti- mento	Inteli- gência	Intuição	Espiritu- alidade	Vontade	Consci- ência de vida
Pensa- mento Epistê- mico	Pensar Isolado	Pensar Coleções	Pensar Com- plexo	Pensa- mento difuso	Articular o pensar no Ponto	Pensa- mento serial	Cosmo- logia
Anseio Exis- tencial	Fragmen- tário	Pensa- mento linear	Pensa- mento difuso	Metodêutica	Holístico	Lógica Concreta- complexa	Teorema da incom- pletude

Enumeramos, para reforço de nossa pretensão metodêutica, pontos que deveriam ser estudados e transpostos, didaticamente, para o fenômeno da alfabetização, seguindo-se a visão onde o teorema da incompletude tem, a nosso ver, uma sólida aplicação no conceito de texto e serviria para o conserto de erros pedagógicos cometidos no processo de alfabetização:

§1. Uma Ciência da leitura tenderá a ser plausível desde que os princípios quântico e de qualidade sejam implantados para o estudo de fenômenos ligados ao comportamento humano.

§2. Uma idéia possui quantidades físicas que têm magnitude e direção, combinando-se com outros elementos e tendo

um vetor resultante que representaria o efeito combinado ou a soma de quantidades representadas por vetores originais.

§3. A Metodêutica é o espaço onde a Mecânica precisa ter o seu ajustamento para que a Consciência encontre uma fórmula para sua realização espiritual.

§4. Alfabetizamos acreditando que a Mente é um Espaço vazio e silencioso sem nenhuma Idéia e por isto vamos realizando sempre uma educação bancária, onde tudo é depositado sem Ordem e Qualidade.

§5. Desde prematuramente fragmentamos o Todo (existente in natura na Mente) pela ação dos conjuntos de impossibilidades, isto é, os textos usados são de péssima qualidade e totalmente desprovidos de Síntese. Daí, ser necessária expulsar toda Moralidade do processo de alfabetização.

§6. A Mente deseja coisas com elevado teor de Beleza e Complexidade e a pedagogia da alfabetização torna prolixo o desenvolvimento da Inteligência pela mistura de teorias de aprendizagem.

§7. O futuro da Psicologia cognitiva deverá ser organizado dentro do princípio de uma aprendizagem quântica enquanto terapia lingüística.

§8. O conceito de Espaço, necessário para uma atividade da Mecânica, existe no Discurso Interior de cada ser humano e nele, pelo grau de educação recebida, o Pensamento aprenderá ou não a organizar Formas.

§9. O Texto contém em sua Estrutura buracos negros que surgem como zonas de segredo que não são exploradas por Medo e Crenças, advindas de repressões pseudamente consideradas com teor de serem didáticas.

§10. Um Texto, enquanto obra de arte, deveria ser examinado como se fosse uma metáfora do Universo e por ter milhões de partículas apresentar possibilidades de organização de formas-Pensamento totalmente singulares entre grupos de leitores.

§11. Um Texto deveria ser exercitado na Leitura ou Escritura enquanto um evento mental que se materializaria sem erros no universo lingüístico cada vez mais impregnado de Lógica.

S.12. Se um signo é um átomo pensante logo um parágrafo deverá se constituir de igual valor.

§13. De que modo um neuroptídeo poderia ajudar o desenvolvimento de Energia pela Libido?

§14. O Texto nada mais deveria ser do que um Corpo Quântico unido de modo cada vez mais Complexo e Mecânico as Mentes do Autor e de seu Leitor.

Não podemos nos esquecer que os fenômenos mais incríveis que temos de dominar para sucesso no processo de alfabetização são os universos da Linguagem e da Mente.

O digladio entre tais Energias (palavra-alheia, palavra-do-outro e palavra-alheia-própria) tem colocado dificuldades e sugestões para se demonstrar de que o Caos tem sempre um ponto de partida para a sua interpretação no ato de construção da palavra-minha..

Registre-se o fato de que as anotações neste texto são advindas de um projeto lingüístico desenvolvido no Curso de Pedagogia, com o ensino nas disciplinas Literatura Infantil e Metodologia do ensino da língua portuguesa com a de

Trabalho de conclusão de Curso, na área do Curso de Letras. Procuramos neste experimento, demonstrar os pontos nevrálgicos oriundos dos contraditórios pontos de vista sobre alfabetização.

Embora possam muitos leitores deste ensaio julgarem aberrantes as afirmações aqui expostas, temos de mostrar que um Curso de Pedagogia que prescindir da Lingüística e Semiótica tem plenas condições de formar educadores desvinculados da teoria da aprendizagem sistematizada pela Psicolingüística e Neurolingüística. Não se torna fácil descer do pedestal em que se encontram os pedagogos para criticarem o próprio modelo de alfabetização que vem usando durante anos e anos. Talvez a crise da formação de indivíduos interessados em aprenderem Matemática, Física, Química, História e Geografia esteja explicada pela dispersão neural provocada pela qualidade do processo de alfabetização. A Linguagem, antes de tudo, pertence a um campo interdisciplinar onde todas as Ciências estão sob o comando da concepção de Discurso.

Chegamos, por fim, à sistematização de que os erros semiológicos podem ser sanados. Tudo depende, na realidade, de uma formação lingüística corretamente organizada e dinamicamente acionada para se viver um projeto lingüístico dentro do ponto de vista emanado pelo teorema da incompletude.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Murillo Nunes de – A essência da alquimia. S.P.: Editora Pensamento, 1987.

BATISTA, Orlando Antunes – Saberes para a educação do futuro. Educação para a leitura literária. Adamantina: Edições Omnia, 2005.

----- - Escatologia de um arquitrato no discurso bíblico. 2008, mimeo.

----- - Formação do leitor e construção do imaginário textual. Adamantina. Edições

Omnia, 1998.

----- & MARTINS, Alfredo Peixoto - Modelagens lingüísticas e adaptação textual. Dracena. Fundação Dracense de Educação e Cultura, 1996.

----- - Teoria da adaptação textual. Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Ministério da Educação e Cultura, 1996.

BLANK, Renold J. – Escatologia da pessoa. S.P.; Paulus, 2000, vol.I.

CRAMER, Eugene H. e CASTLE, Marrietta (Org.) – Incentivando o amor pela leitura. Tradução de Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artemed Editora,

DIJK, Teun A. Van – Cognição, discurso e interação. S.P.: Contexto, 2ª. edição.

FERNANDES, Célia Regina Delácio – Leitura, literatura infanto-juvenil e Educação. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2007.

FEYERABEND, Paul – Contra o método. Tradução de César Augusto Mortaria. S.P.: Editora da UNESP, 2007.

JOLIBERT, Josette et al.- Formando crianças leitoras. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artemed Editora, 1994.

LERNER, Delia – Ler e escrever na escola. O real, o possível e o necessário. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre.

Artemed Editora, 2002.

PIAGET, Jean – A construção do real na criança. Tradução de Ramón Américo Vasques. S.P. Editora Ática, 2003.

SOUZA, Malu Zoega de – Literatura juvenil em questão. S.P.: Cortez Editora, 2001.

TRINCA, Walter – O ser interior na psicanálise .S.P.: Vetor Editora, 2007, 1ª. edição.

KOCK, Ingedore G. Villaça – Desvendando os segredos do texto. S.P.: Cortez Editora, 2003, 2ª. edição.

MARTINS, Luciano – Escrever com criatividade. S.P. Editora Contexto, 2001.

BACON, Francis – O progresso do conhecimento. S.P.: Editora UNESP, 2006.

CAVALCANTI, Ana Elisabeth & ROCHA, Paulina Schmidtbauer – Autismo. Construções e desconstruções. S.P. Casa do Psicólogo, 2002, 2ª. edição.

COUDERC, Paul – O Universo. S.P. Difusão Européia do Livro, 1959.

HEIDEGGER, Martin – Conferências e escritos filosóficos. S.P.: Editora Nova Cultural, 2005.

HUSSERL, Edmund – Elementos de uma elucidação lógica do Conhecimento. S.P.: Editora Nova Cultural, 2005.

HUTTEN, Ernest H. – Método científico e psicanálise. In - Psicanálise. Problemas metodológicos. Petrópolis. Vozes, 1975.

MAETERLINK, Maurice – A sabedoria e o destino. Tradução de Monteiro Lobato. S.P.; Pensamento, 1990.

MCNUTT, Jaime – Escreva a visão. S.P.: Editora Mundo Cristão, 1992.